

## Os novos argonautas

Javier Santiso

*Valor Econômico*, 6.1.2012

**O reequilíbrio do mundo que vivemos em direção aos países emergentes não é apenas econômico e financeiro, também é, e será cada vez mais, tecnológico. Não é apenas a geografia da riqueza das nações que se redesenha, mas também a da inovação.**

Durante a década de 1990, o boom tecnológico nos Estados Unidos atraiu talentos de todo o mundo e, em particular, de países emergentes, como a Índia. Esses novos argonautas tecnológicos povoaram o Vale do Silício com engenheiros e empreendedores que entraram na odisséia de criar empresas iniciantes ou em fase de desenvolvimento e de arriscar capitais. Estima-se que quatro em cada dez empresas iniciantes californianas foram lançadas por esses argonautas indianos. E que mais de 30% dos engenheiros no Vale do Silício são indianos. Alguns começaram a ocupar cargos em multinacionais tecnológicas dos EUA, alcançando postos importantes.

A odisséia desses argonautas foi intensa. Em meados dos anos 1980, 60% dos engenheiros do Indian Institute of Technology emigraram, muitos com destino à Califórnia. Em 1990, de acordo com a Berkeley AnnaLee Saxenian, 30% dos engenheiros na região da Bay Area californiana eram estrangeiros. Dos 28 mil engenheiros registrados na época, 25% procediam da Índia. Dez anos depois, no auge do boom tecnológico, antes do estouro da bolha das empresas "ponto.com", um total de 774 das 11.443 empresas tecnológicas criadas desde 1980 tinham executivos-chefes indianos. Entre 1995 e 2005, 15% das empresas iniciantes do Vale do Silício foram criadas por indianos.

Em 2010, viviam na Califórnia 475 mil indianos, a metade concentrada na região de San Francisco, (ainda) a Meca tecnológica das empresas iniciantes e do fornecimento de capital inicial. O perfil dessa comunidade é único: renda média de US\$ 110 mil e 70% ocupa postos executivos e de alto valor agregado. Alguns deles fundaram ícones do Vale do Silício, como a Sun Microsystems (Vinod Khosla) ou o Hotmail (Sabeer Bhatia). Estima-se que 10% dos executivos-chefes

de empresas de tecnologia dos EUA sejam indianos. Qualcomm e Lucent Technology Labs são dirigidas por indianos, assim como empresas de outros setores, como o Citigroup e PepsiCo. Outros foram "os pais" de inovações tecnológicas decisivas como a ethernet (Kanwal Rehki), a fibra óptica (Narinder Kapany) ou o chip Pentium (Vinod Dham). Muitos dos que tiveram êxito se converteram em financiadores de capitais de risco, apoiando a criação de outros projetos ou empresas em fase inicial.

Os ventos, no entanto, estão mudando. O estouro da bolha tecnológica no início da década passada e a crise mundial no fim desse período enfraqueceram as perspectivas californianas. Ao mesmo tempo, a Índia iniciava sua ascensão econômica com índice de crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) superior a 8%, o que propiciou novas oportunidades para empreendedores. A Índia continua enviando aos EUA mais estudantes do que qualquer outro país - superando até a China -, em áreas científicas, de engenharia e administração de empresas. Agora, contudo, muitos deles já começam a buscar oportunidades diretamente em seu país de origem.

O entorno tornou-se bem mais receptivo. Não apenas as multinacionais de tecnologia, como Google, Oracle e Cisco, multiplicaram os centros de inovação e pesquisa no país, transformando-se em oportunidades para os indianos na Califórnia, mas também surgiram gigantes indianos da tecnologia. E esse é outra das grandes mudanças em andamento: as multinacionais indianas, além de ocuparem posições de liderança mundial em setores como os de centrais de atendimento telefônico ou de serviços de terceirização, também mostram presença nas telecomunicações, software e internet. A Índia já possui um setor de serviços de tecnologia da informação que movimenta US\$ 75 bilhões ao ano. Multinacionais ocidentais líderes nos setores da aeronáutica, telecomunicações, semicondutores e equipamentos médicos transferiram centros de tecnologia ao país. Empresas indianas, como a operadora Bharti Airtel ou as tecnológicas Infosys, TCS e Wipro tornaram-se multinacionais que jogam na primeira divisão mundial, espalhando-se por todo o globo. O papel dos argonautas foi chave: em 2000, a metade das 20 maiores empresas indianas de software era sustentada por indianos que voltaram da Califórnia; em 2010, 19 das 20 maiores tinham argonautas no comando.

As empresas de capital de risco californianas também foram para a Índia, muitas delas, como a DG Ventures ou a emblemática Sequoia Capital, sob influência de indianos voltando ao país. Atualmente, cerca de 35% dos participantes do "Start-Up Day", o dia das empresas iniciantes ou em fase de desenvolvimento, celebrado em Nova Déli são argonautas voltando ao país. Os voos diretos entre San Francisco e Bangalore estão lotados tanto na ida como na volta. O caso do empresário Bala Manian, que criou nada menos que seis empresas "start-ups" na Califórnia, é exemplo disso: seu último empreendimento tem duas sedes, em San Francisco e Bangalore, e está repleto de indianos que voltaram ao país. A abrangência das conexões e redes facilita o surgimento de cada vez mais empresas indianas em fase inicial, como a versão indiana de Expedia (Make My Trip.com), financiada pelo fundo californiano Sierra Ventures) ou o Café Coffee Day, concorrente indiano da Starbucks, (financiada pela Sequoia Capital). O magnata indiano Kanwall Renkhi, que fez fortuna em novas tecnologias e continua trabalhando nos EUA, tornou-se um importante financiador de investimentos de risco em seu país de origem, criando uma importante rede, a The Hindus Entrepreneurs, para incentivar empresas e ajudar empresários do setor de tecnologia na Índia. Vinod Gupta, da InfoUSA, fundou a Vinod Gupta School of Management, na Índia e um instituto politécnico para mulheres em Rampur, onde nasceu.

O reequilíbrio do mundo que vivemos em direção aos países emergentes não é apenas econômico e financeiro, também é, e será cada vez mais, tecnológico. Não é apenas a geografia da riqueza das nações que se redesenha, mas também a da inovação. Talvez o próximo Google não venha a ser procedente do Vale do Silício, mas de Ahmedabad, Chennai ou Bangalore. **(Tradução de Sabino Ahumada)**